


Assistencia infantil



140/3 ERIC

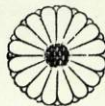
Alphabético de Nomes de Barra

Impressa em machina "Marinoni"
na Typographia Minerva de Gaspar Pinto de Souza & Irmão,
V. N. de Fanelicão

ARTHUR FERREIRA CESAR DORIA

Assistencia Infantil

These apresentada á Escola Medica do Porto
para ser defendida sob a presidencia do Prof. Dias d'Almeida



140/3 EMC

OUTUBRO DE 1909

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

ANTONIO JOAQUIM DE MORAES CALDAS

SECRETARIO

THIAGO AUGUSTO D'ALMEIDA

CORPO DOCENTE

Lentes cathedaticos

- 1.ª Cadeira — Anatomia descriptiva geral. Luiz de Freitas Viegas.
- 2.ª Cadeira — Physiologia Antonio Placido da Costa.
- 3.ª Cadeira — Historia natural dos medicamentos e materia medica Thiago Augusto d'Almeida.
- 4.ª Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa. Carlos Alberto de Lima.
- 5.ª Cadeira — Medicina operatoria Antonio Joaquim de Souza Junior.
- 6.ª Cadeira — Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos Candido Augusto Corrêa de Pinho.
- 7.ª Cadeira — Pathologia interna e therapeutica interna. José Dias d'Almeida Junior.
- 8.ª Cadeira — Clinica medica Vaga.
- 9.ª Cadeira — Clinica cirurgica. Roberto B. do Rosario Frias.
- 10.ª Cadeira — Anatomia pathologica. Augusto H. d'Almeida Brandão.
- 11.ª Cadeira — Medicina legal Maximiano A. d'Oliveira Lemos.
- 12.ª Cadeira — Pathologia geral, semeiologia e historia medica. Alberto Pereira Pinto d'Aguiar.
- 13.ª Cadeira — Hygiene João Lopes da Silva Martins Junior
- 14.ª Cadeira — Histologia e physiologia geral José Alfredo Mendes de Magalhães.
- 15.ª Cadeira — Anatomia topographica Joaquim Alberto Pires de Lima.

Lentes jubilados

- | | | |
|----------------------------|---|--|
| Secção medica | { | José d'Andrade Gramaxo.
Illydio Ayres Pereira do Valle.
Antonio d'Azevedo Maia. |
| Secção cirurgica | { | Pedro Augusto Dias.
Dr. Agostinho Antonio do Souto.
Antonio Joaquim de Moraes Caldas |

Lentes substitutos

- | | | |
|----------------------------|---|--|
| Secção medica | { | Vaga.
Vaga. |
| Secção cirurgica | { | João Monteiro de Meyra.
José d'Oliveira Lima. |

Lente demonstrador

- | | |
|----------------------------|-------------------------|
| Secção cirurgica | Alvaro Teixeira Bastos. |
|----------------------------|-------------------------|

A Escóla não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

Regulamento da Escola, de 23 d'abril de 1840, art. 155.

DUAS PALAVRAS

A caricatura semi-grutesca e comica do medico, traçada por Molière, é bem diversa da que lhe cabe hoje. Porque não se trata tão sómente, hoje, de drogas e da arte da sua prescripção: o medico tem outros horisontes, largos e luminosos horisontes, quaes sejam os de — analysar a psychologia infantil, prescrutar leis de hereditariedade, estigmas organicos, compulsar influencia d'educação e de meio, estabelecer modos de protecção... E isto é tudo, porque a creança, no amanhã, será homem, será sociedade, será patria, será humanidade. Como diz Grancher, é «o grão que é preciso salvaguardar».

A alma do medico, do *Amor e Sciencia*, de Galdós, irradia luz suavissima, sempre que pensamos na urgencia de emprehen-der, por processos bondosos e suaves, a cura dos doentes moraes.

Grande erro hão os moralistas praticado — despresando a realidade physiologica, não se estudando por dentro, buscando a perfeição a despeito da propria imperfeição nunca reconhecida, renegando a vida, deformando-a; — mas, por outra parte, os medicos tambem, indo-lhe na alçada, — considerando o tratamento moral como coisa secundaria, inconsistente, quando é certo que elle, bem applicado e seguido, constitúe a norma da arte de sanar.

Para bater a hygiene moral tão mal observada, deve haver, pois, a medicina moral que corrija, e cuja efficacia therapeutica se estríbe em praticar bondosamente o bem, — ter fé e energia, — saber sacrificar-se, — apprender a vencer-se, — perdoar sem esforço, — conquistar o amor, amando com ternura o fraco, o infeliz, o doente.

Só assim se criam e refazem as almas humanas, attento a que — carceres, brometos, arsenicaes não bastam de per si para curar ou sanar os homens, — prompto e bem!

A caricatura semi-grutesca e comica tra-

çada por Molière, não cabe, pois, ao medico de hoje. Porque, hoje, elle trata de fazer medicina sem drogas, — a Medicina Social.

A Mulher e a Creança são como que dois polos,—o Seio a proclamar a Vida, e o Beijo a ir para ella.

Fortalecer o Seio, fortalecer o Beijo, é assegurar á Mãe a subsistencia, o bom ar, a boa luz, a volta á saude normal, a protecção, emfim, physica e moral; e é assegurar ao Filho o leite, o melhor desenvolvimento, as maiores ternuras, a maior força...

O Medico, plantado na vanguarda d'esta cruzada, não fugindo dos perigos, não se arreceiando de embaraços, sacrificando as suas vantagens materiaes em prol da Collectividade, ha que ser como um titan, não arredando pé, e como um justo, recebendo bençãos!

Salvaguardando a Mãe

Seleccionar progenitores, salvando o *producto* de taras (tuberculose, alcoolismo, etc.), não é coisa facil. O casamento, feito selecção em vez de contracto, seria o ideal.

O dote é causa muitas vezes de males que implicam com a mulher, homem e sociedade. O systema Anglo-saxonico de não dar dotes, torna-se merecedor de applausos, por deixar toda a liberdade ao amor e sympathy, — unicos geradores que são do matrimonio, por elevar a dignidade da mulher e acabar com o costume degradante do *bom negocio*.

Assegurar o regular desenvolvimente da creança de amanhã, garantir-lhe bom *termo*, preserval-a dos perigos do parto, fornecer-lhe assistencia capaz, é escopo de largo alcance social.

No Congresso de Obstetricia e Pediatria realizado em 1901 (Nantes), ventilou-se e approvou-se que a gravida «tivesse direito á Assistencia, indispensavel para gosar de todas as boas condições hygienicas, nos tres ultimos mezes de gravidez e no immediato ao parto. Os poderes publicos...»

Ah! dormem, dormem... Dez annos antes, em conferencia, Pinard affirmava com muita razão que «os animaes são melhor tratado que a gravida pobre ou abandonada, e que as mulheres selvagens teriam tudo a perder com os beneficios da civilisação».

ASYLOS

Em França, ha-os nas principaes cidades.

As gravidas passam, no «momento psychologico» para Maternidades que, de resto, só de per si, bastam.

REPOUSO OBRIGATORIO

A' Suissa (lei federal de 23 de março

de 1875) cabe a iniciativa huminitaria de prohibir á operaria grávida o trabalho, duas semanas antes do parto. Outras nações se lhe seguiram que, por leis, obrigaram industriaes e patrões a indemnisar, durante o repouso forçado, as suas operarias.

Portugal accudiu ao compromisso de Guilherme II (1890): «... nas fabricas só serão admittidas mulheres um mez depois do parto»; mas, Portugal... Ora! se os patrões são patrões, com votos e tudo...

MATERNIDADES

«A mulher tem direito á saude corporal, que é o melhor dos bens, e o unico que permite ao ser moral dar aquillo de que é capaz, e porque a sociedade será beneficiada, por depender da saude da mãe a dos filhos que deita ao mundo»—«*Revue de Morale Sociale* (Genebra), Paulina Kergomard.

As mulheres antigas davam modelos a Phidias para a sua *Minerva*, as espartanas produziam *homens*, as matronas romanas

gritavam com orgulho, apontando os filhos: «São as minhas joias, os meus enfeites».

O sentimento de segurança incutido á grávida, seja qual seja a sua situação social, influe naturalmente no *augmento* do numero de nascimentos e na *qualidade* do producto. O Prof. Pinard demonstrou que, quando a mulher repousa no ultimo mez da gravidez, não só a sua saude é favorecida, como o recém-nascido póde, n'este tempo, ganhar em peso 500 grammas e até mais.

Impedindo a depressão moral e physica de muitas infelizes levadas ás vezes ao crime, assegurando as melhores condições possiveis aos filhos, é certamente o caminho que a Philantropia seguirá em beneficios de largo alcance social.

Por cá, a Assistencia está reduzida aos serviços especiaes de parto existentes nos hospitaes annexos ás E. Medicas.

Ha tempos, foi grande o entusiasmo da Rapaziada Medica de Coimbra pela creação d'uma Maternidade. Trabalhou com calor, angariando donativos, dando

espectaculos... Resultado, nullo, ao que nos parece. Pedindo informações a competentes, não nos chegaram. No nosso paiz ha o monopolio dos tabacos, dos phosphoros, das padarias e... do resto! Quem póde dar indicações, estatisticas, e tal, fica-se em cópas, se se lhe bate á porta por via de carta. Porque em pessoa — é preciso ter-se dinheiro — a impertinencia merecia talvez cabo de piassaba!

SECRETAS

São casas d'abrigo, inviolaveis, que garantem a maternidade irregular pondo-a a coberto de censuras.

Em Vienna, Moscou, Praga, atc., as gravidas, á sua entrada, entregam um sobrescripto lacrado com nome e morada, que é restituído intacto á saída, e aberto só em caso de morte.

Se os infanticidios, as praticas abortivas, a perda de saude ou morte de gravidas, os crimes de parteiras, inutilizando ás vezes mãe e filho, são ainda frequentes, é

porque não existem as Maternidades secretas.

A casada que prevarica, n'ellas teria a sua unica protecção moral e material. Socialmente, o descobrir-se a sua falta, a sua fraqueza, é o cair na deshonra, que se reflecte nos filhos, que a perderão, no marido que a despresará.

Ha quem lhes chame «Coitos de adulteras», «Asylos d'amores illicitos», etc., demoralisadores, convidando as honestas á prevaricação.

A *falta* houve-a sempre. E' velha como a terra.

A *quéda* resulta do impulso passional, reflectida ou irreflectidamente.

Crer-se que a honesta *cairá* porque existem Maternidades, é inadmissivel.

São encargo para o estado, sim; mas, sempre é capital posto a juro promettedores: — salvar-se-hão muitas crianças que, mais tarde, se tornarão cidadãos prestantes e constituirão outras tantas forças vivas do paiz.

Depois, quem puder que pague, como succede na Austria, o beneficio do mysterio; reverterá para os pobres.

As Maternidades são, pois, d'alto valor. Protegem a primeira infancia, desviam a mãe do desespero e do crime, obrigam-na ao sacrificio da propria situação social ás vezes; salvam o filho.

As Maternidades secretas são casas de protecção ás gerações futuras. Do professor Egas Moniz. «... O segredo será a aza protectora que ha-de cobrir duas existencias preciosas: — a da mãe, que reaparecerá alliviada de uma longa tortura de nove mezes, e a do filho que, — nem por ter nascido de uma ligação irregular, — tem, por isso, menos direito á vida e á protecção da sociedade».

HOSPITALARES

Em Paris, ha as Maternidades dos hospitaes, as quaes só recebem ao nono mez, dispensando os cuidados consecutivos ao parto durante 10 dias, gratuitamente. Como se vê, é pouco, muito pouco. Pelo que, se pensou na criação de Asylos de protecção ás gravidas indigentes, sobretudo operarias que gastam, trabalhando

até á ultima, energias que devem precisar para o «momento psychologico».

Nos organisados em França, sob a direcção de Budin, ha como nas *Maternidades*, a garantia absoluta do segredo. O faro policial fica fóra de portas.

Nos Asylos só ha uma preocupação: salvar a Mãe, — seduzida, casada, ou abandonada, distribuindo-lhe trabalho com que pode, o enxoval para o filho por exemplo, desenvolvendo-lhe o dever da responsabilidade, estimulando-lhe a affectividade materna, agasalhando-a bem, e — salvar o filho, espantando para longe ideias de abandono, de infanticidio, abrindo sorrisos no amanhã falho de recursos, conduzindo ao sacrificio. . .

O refugio Michelet, de Paris, é o typo dos Asylos. Recebe gratuitamente as indigentes nos dois ultimos mezes da gravidez, quando não é possivel ainda a sua admissão nas Maternidades hospitalares e quando não podem acudir á sua existencia pelo trabalho.

Ha Asylos que recebem recém-nascidos e mãe á saída dos hospitaes.

Ha detractores como para as Maternidades.

Protegendo a maternidade clandestina, irregular, facilitar-se-ia o abandono. Ora, o abandono, está provado, não é vulgar tal; mesmo, é de mais difficil realisação no Asylo que no domicilio. Depois, a sua benefica influencia sobre cerebros transvariadas de mães indigentes, leva-as a desprezar terriveis preconceitos sociaes, que as esmagam sempre. A sua entrada nos Asylos impede que se deem as tentativas d'aborto e infanticidio. Mais. Com assistencia regular, salvam-se muitas creanças. Só no Porto e em Lisboa, segundo o Professor Egas Moniz, ha, annualmente, 1:300 mortos-nados.

PATERNIDADE

De passagem, visto que falamos sobre tentativas d'aborto, etc., referir-nos-hemos a uma das suas causas, importantissima.

A mulher que *cáe*, tem por si, no geral, a má vontade de todos. E' frequente ser despedida a creada, apenas conhecido o

seu «estado interessante»; busca collocação, — e nenhuma porta se lhe abre. E ás vezes, é o patrão, ou filho, o seductor!

A sociedade, sempre cruel, de que faz parte o seductor, condemna a seduzida. Porque *caiu*? para que foi tola? E deita-a á margem, e digere bem, enchendo a bocca com a palavra «honra», — esse misero espantalho, sempre aboccanbado, nunca comprehendido, todos os dias enxovalhado por quem só é criminoso, injusto e egoista.

A mulher que *cáe*, merece o desprezo porque... foi seduzida! Foi mordida, ultrajada, encantada? — que se agunte. Eu vou por uma estrada, descuidadamente, e batem-me, e roubam-me? — devo ser processado, e responder pelos crimes de homicidio e de ladrão!

A mulher, que chega a ser mãe, sem mais santificação que a do amor, é mais digna de protecção do que a casada. Esta tem a do marido, a da familia, e da sociedade. Realisou, emfim, um contracto, que a protege,

A seduzida não dispõe de nenhuma protecção. Barbaramente, o seductor despreza-a, o meio despreza-a. Imagine-se o que será: — Batida de todos os lados, violentada á miseria, á fome, durante nove mezes; e o feto, criado na miséria, na fome, sob uma grande depressão moral...

Ha tentativas de aborto, de infanticidio, de suicidio.

Ha mesmo a sua realisação, e então a justiça vem, e a justiça esmaga.

Justiça, deve havel-a, mas que parta de onde deve. Já que a sociedade está ainda com privilegios, castas, e tal, o Estado tem obrigação de abrir os braços aos infelizes, — criando Maternidades e Asylos de refugio, e a Lei tem obrigação de chamar á ordem a Paternidade, obrigando-a a pagar a subsistencia da mãe e do filho.

Alexandre Dumas escreve em prefacio no seu drama «Le fils naturel»: «... o que voluntariamente se torna pae (e o facto dá-se sempre voluntariamente), não assegurando aos filhos os meios de vida materiaes, moraes e sociaes, e não se responsabilizando pelas despesas feitas com

a educação do filho, é um criminoso que deve ser classificado entre os ladrões e os assassinos».

Como se admitte ainda hoje a clausula 340.^a do Codigo de Napoleão, que prohibe «la recherche de la paternité»?!...

Do Juiz Magnaud:

Sobre a prova da Paternidade—«Considerando que aos elementos de attenuação enunciados para avaliar o delicto de violencias exercidas pela amante abandonada depois de haver «dado á luz», vêm a ajuntar-se outro elemento não menos importante, a saber: que a nossa organização social tem um grave vacuo ao deixar á mãe solteira o encargo e o cuidado do filho, entanto permite ao que a fecundou o ficar sem nenhuma responsabilidade material. . .»

ESCOLA DAS MÃES

A mulher portugueza vem ultimamente, na imprensa e em comicios, a manifestar os direitos que entende merecer para si. Não lh'os discutimos. Simplesmente, tem ella

a compreensão legítima, a satisfação consciente dos seus deveres, orienta racionalmente a sua actividade psychica? . . .

Por nós, entendemos que, em grande parte, se applica a phrase de Rousseau: «Toute femme que se mère n'a pas élevée, n'aimerat pas à élever ses enfants.»

D. Maria Vaz de Carvalho fala algures na «pessima interpretação que até hoje se tem dado á educação e aos deveres da mulher».

M.^{me} Andrée Léo diz: «Il est de sa destinée comme de celle de tout être humain, de savoir ce qu'elle fait, à quoi elle s'engage de stipuler pour elle-même en tout connaissance, en tout liberté, d'être capable enfin des devoirs qu'elle embrasse».

Concordamos que o destino da mulher não é decerto defender um réu, levantar a planta d'um edificio, suggestionar as massas. . .

Procrie, seja *mãe*, faça *homens*. A sua grandiosidade está n'isso. E' como quer Thulié: «Ne pas faire des doctresses, des ingenieures, des astronomes, mais des épouses armées, et des mères instruites et

aimantes, voilà le but à poursuivre et à atteindre».

A função organica da mulher é a maternidade e as suas funcções sociaes são a educação physica, moral e intellectual dos filhos, a direcção dos negocios domesticos, etc; n'este sentido se deve orientar.

Eis porque a Escola das Mães vieram a lume, e com justificada razão.

Spencer escreveu: «Si elles savaient tout ce que suppose la bonne education des enfans, dont aucun homme et encore moins aucune femme n'a encore embrassé le sens tout entier, elles ne chercheraient pas de plus hautes fontions».

Do medico Candido da Cruz (Congresso IV contra a Tuberculose, Porto, (1907): «E' voto muito para formular, que em Portugal a parte culta da população feminina se inspire na obra altamente sympathica de M.^{mo} Moll-Weiss: *Escola das Mães*.

II

Preseverando o Filho

ASYLOS MATERNAES

Seriam de alta importancia para indigentes novas (creadas, costureiras, etc.), que, á saída do hospital, se vissem sem recursos, e para casadas pobres que ficassem fracas depois do parto. Procurar-lhesiam trabalho e vesturio depois.

A maioria das mulheres crê que nove dias chegam para se «alliviar». No campo, sim, e menos dias até; mas, nas cidades, não: multiplas affecções genitae, enfermidades graves, anemias e tuberculose, compromettem com frequencia o futuro das que se desleixam com o parto.

Quando se trata de duas vidas em perigo, é indispensavel o repouso domicilia-

rio ou em Asylos, dando, se se trata de operarias, subsidio igual ao seu salario. Porque, no periodo que se segue ao parto, a mãe facilmente se compromette na saude, e a creança periga.

CREANÇAS ASSISTIDAS

Em Paris, com o fim de prevenir o abandono dos filhos, a Assistencia publica organisou o serviço das creanças assistidas que: — soccorre as mães novas (filhas-familia) abandonadas, — as casadas abandonadas ou cujo marido esteja preso ou internado no hospital, — as viúvas, os viúvos, — os casados abandonados das suas mulheres, — os orphãos de pae e mãe, — os paes d'uma creança natural reconhecida, em caso de fallecimento ou desaparecimento da mãe, — os avós tendo o encargo da creança *natural ou legitima*.

REPARTIÇÕES DE BENEFICENCIA

Soccorrem os indigentes e necessitados,

—aquelles recebendo auxilio regularmente, e estes só temporariamente.

Fóra de soccorros regulares ou temporarios, cuidam da convalescença, do aluguer de casa, de sinistros, e fornecem pão, carvão, etc.

HOSPICIOS DE EXPOSTOS

As creanças abandonadas são recebidas n'estes Hospicios até aos 12 annos. A pessoa que entrega a creança não é obrigada a fornecer esclarecimentos.

As creanças, depois de curta permanencia n'elles, são confiadas a familias do campo. Do logar onde a creança é assistida, guarda-se ou não segredo; quando muito, indica-se a sua existencia ou a sua morte. A creança, até aos 6 annos, traz um collar que serve para constactar a sua identidade.

Ha tambem Hospicios para creanças abandonadas temporariamente pelos paes (doença, prisão, etc.).

Quando a creança é reclamada, faz-se uma «enquête» sobre a moralidade e as

posses dos reclamantes que, podendo, reembolsam o Hospício.

Ha quem creia detestaveis as suas consequencias, porque fazem engrossar o numero das prostitutas. Mas, quê! emquanto não for promulgada uma lei que faça *descobrir* o seductor, obrigando-o a sustentar o filho. . .

ALIMENTAÇÃO INFANTIL

«A creança — palavras do Prof. Sousa Martins — precisa ganhar, o adulto equilibrar e o velho conservar».

A alimentação da creança, nos primeiros nove mezes, deve constar unicamente de leite.

Nas classes pobres e ainda nas mais elevadas, dá-se de comer á creança com poucos mezes, umas vezes na boa intenção de melhor alimentar-as, outras, para se pouparem. E quasi sempre são os avós que a isso aconselham, porque «os seus» tambem comeram a appetitosa açorda e as papinhas de milho.

Sousa Martins sustentava que a alimen-

tação pelo leite bastaria ser só até aos setes mezes. Não se segue que d'ahi em diante, se dê carne, substancias muito azotadas, excitantes (café, vinho). A natureza, que é providente, para mostrar que uma creança não deve comer, só lhe dá dentes quando entende.

O LEITE

O de burra, por mais approximar-se do da mulher, é o preferido.

Segue-se o de vacca e cabra. Parrot, ao contrario da maioria, entende que o leite de vacca, por ter uma grande precentage de caseina, não deve ser cortado com agua fervida ou esterilisada.

O leite dá-se em copo, colhér ou biberon. Trousseau é de opinião que com o copo ou colhér, o leite atravessa rapidamente a bôcca sem ter tempo de se juntar á saliva, cuja alcalinidade impede a coagulação do leite á sua chegada ao estomago.

O leite deve ser puro, d'animal são e forte, vivendo ao grande ar. O incitamento,

como escreve o dr. Antonio d'Azevedo, á formação de aggremações de lavradores, tendentes a salvaguardar os seus interesses e a conseguir a melhoria das condições de vida dos animaes bem como da colheita e aproveitamento do leite, será para desejar. O commercio deve pôr-se de parte porque é capaz de tirar-lhe a lactose e a manteiga. . . No campo, deve haver consciencia para não fornecer ao publico um leite doente; na cidade, a fiscalização ás leiteiras e vaccarias deve ser aturada. E as mãos que o mungem, as vasilhas que o transportam, a agua com que as lavam, se é que as lavam? . . . Emquanto a isso, adivinha-se a classica *limpeza* tão portuguesinha!

ALLEITAMENTO

Natural — A diminuição da natalidade sendo um perigo, deve trabalhar-se pela observancia de precauções respeitantes á criação de filhos: — favorecer, em primeiro logar, o alleitamento materno.

A Mãe pobre deverá ser a ama *paga do filho*, no dizer do Prof. Pinard.

As ricas, que julgam perder a belleza com o alleitamento (as Georgianas, alleitando sem excepção, são consideradas as mais bonitas mulheres do mundo), que preferem a ociosidade ou os prazeres da Moda, não teem direito a comprar as pobres. A mortalidade não diminue, apenas é deslocada, com a mãe mercenaria.

Haja paes que se imponham ás esposas que não querem ser mães!

Mixto — Jean Jacques Rousseau, no começo do seu *Emilio*, inspirando-se nas ideias de Buffon e de Descarts, preoccupa-se já com a amamentação materna.

A ama mercenaria só é admissivel se a mãe dever renunciar á alimentação (agalacia, bacillose, doenças e deformações mamillares, brightismo, anemias graves...), e a creança, por muito fraca, não puder ser amamentada artificialmente.

Salvo taes excepções, a mãe adoptará a amamentação mixta (seio e biberon), ou a alimentação artificial (leite esterilizado).

M. Dluski notou, em 429 observações,

uma mortalidade de 10,8% para as creanças alleitadas pela mãe e 47,7% para as alleitadas pelo biberon.

A raça anglo saxonia é vigôrosa, e a sua população augmenta de dia para dia. A Inglaterra só por excepção admitte a *Wet nurses*, do que resulta diminuição de mortalidade infantil.

Applaudimos o professor Variot n'isto:

«Somos cúmplices d'uma má acção quando pagamos á mulher para vender o leite a uma progenitura que não é a sua. E' um commercio illicito sob o ponto de vista social.

O leite da mãe pertence ao filho. A ama mercenaria é uma desgraçada sob o ponto de vista moral, porque desconhece os deveres instinctivos da maternidade para com o filho».

Em tempos remotos consideravam-n'a um especie de prostituta, e com razão.

ESTERILISAÇÃO DO LEITE

Esterilisar o leite, conservando-lhe as

propriedades, tem sido assumpo de larga celeuma.

A ebulição não destróe todos os germens e, na pratica, é preciso attingir uma temperatura de 120.^o e prolongar a operação durante 20 minutos em vasos fechados, para obter resultado. Leite assim tratado, soffre transformações, torna-se indigesto e, segundo alguns, produz tendencia para o rachitismo, á falta de phosphoro. Um chimico, cujo nome não me occorre, apresentou ha annos, á Academia de Sciencias de Paris, um estudo de que resultava,— que no leite, esterilizado pelo fogo, a lecithina, o elemento precioso que fornece ao organismo o phosphoro preciso ao seu desenvolvimento normal, transforma-se e torna-se pouco propria para a absorpção estomacal.

Como tratar o leite sem alterar-se a sua composição?

Varios processos tem sido praticados. Dos *chimicos*, ha a referir o do «perhydrol» allemão (agua oxygenada). (Behring e Much):

O leite é tratado directamente em vasi-

lhas esterilizadas, nas quaes se depõe agua oxygenada (um gramma por litro). Assim se destroem os germens nocivos, conservando-se intactos os principios essenciaes do leite. O que fica, é com gosto e sabor desagradaveis. Mas «aqueçam a mistura — são elles que falam — a 50 graus, umas de-soito horas depois da addicção da agua, e ajuntem unicamente uma gotta d'uma substancia catalyptica, a «catalase», extraída do proprio leite da vacca, e verão ferver a mistura. A agua oxygenada decompõe-se, o oxygenio desenvolve-se vivamente no ar, e no litro de leite, absolutamente esterilizado, mas que conservou todas as suas qualidades naturaes e o sabor, resta só um gramma d'agua». Todos os germens foram destruidos, emtanto que as albumnias, tão alteraveis pelo calor, nada soffreram. Hermeticamente engarrafado, o leite conserva-se sem alteração por muito tempo.

ELETRICIDADE

Guarini e Samorini lembraram-se de o

esterilisar por meio da electricidade, parece que com resultado.

1.º—O leite é atravessado por uma corrente alternativa de intensidade sufficiente para evitar a sua decomposição;

2.º—A intensidade da corrente deve ser sufficiente para matar os microbios;

3.º—A corrente alternativa deve ser de uma tensão sufficientemente elevada para ultrapassar a resistencia bastante elevada do leite.

O processo apresenta-se com facilidades praticas, e a sua adopção generalisar-se-ha attento a que a electricidade, na sua invasão progressiva, acabará talvez por resuscitar mortos.

MACHINA DE MUNGER

Na de Lawrence e Kemedý, o leite passa directamente dos uberes do animal para vasilhas. Não me tento a descrevê-la porque não vingará e porque respeito muito complicações de machinas.

Nas cidades fiscalisadas, resultaria talvez inutil.

Ainda ha poucoo «Primeiro de Janeiro» se revoltava contra a *varinha magica* que, nas barreiras, penetra nos «canados», a qual disfructa de todas as porcarias possiveis e imaginaveis. . .

GOTTAS DE LEITE

No Congresso d'Hygiene Social d'Arras (1904) e no das Gottas de leite (Paris, out. 1905), foi formulado este parecer:

«Considerando que haverá sempre mulheres que não podem amamentar, e que essas pertencem as mais das vezes á classe necessitada, o Congresso emite os seguintes votos:

1.º - Que os poderes publicos tornem todas as disposições uteis para diminuir o numero das mães incapazes de alleitar;

2.º - Que as Gôttas de leite sejam propagadas o mais largamente possivel;

3.º - Que toda a Gôttá de leite tenha uma direcção medica;

4.º - Que os poderes publicos encoragem e facilitem o seu desenvolvimento;

5.º - Que os poderes publicos facilitem

por todos os meios a vulgarisação de hygiene infantil;

6.º—Que uma legislação rigorosa seja instituida em todos os paizes para a inspeção do leite destinado aos alleitados;

7.º—Que seja criada uma União internacional das Gôttas de leite com um «bureau» permanente, com séde em Bruxellas».

Em Bruxellas se realisou, em setembro de 1907, o segundo Congresso das Gôttas de leite.

A «Gôtta de leite» é uma obra que lucta contra a mortalidade infantil por todos os meios possiveis, aconselhando as mães, encorajando o alleitamento materno, distribuindo leite quando o seio falha ou é insufficiente. . .

Uma das obras melhores é a fundada por Henrique Rothschild, cujo fim é — fornecer leite de boa qualidade, por baixo preço, á classe operaria, e gratuitamente aos indigentes. As pessoas que fazem a caridade podem distribuir pelos seus protegidos «bonus de leite» fresco, pasteurisado ou esterilizado.

Os lactarios, dirigidos por medicos, de-

viam ser estabelecidos pelas municipalidades em especial nos bairros operarios.

A SUBSTITUIÇÃO DO LEITE

Terrier, que se tem dedicado ao estudo das doenças infantis, declara que não se deve considerar o leite como o unico alimento conveniente a todas as creanças em estado de crescimento retardado e quando estejam atacadas de dyspepsias chronicas, de atrepsia, etc. Procurando, portanto, um outro alimento que não fosse o leite, recorreu ao regimen hydrocarbonado, que se pode realizar principalmente de tres modos: pelo caldo de legumes, pela «babeurre» (sóro de leite) e pela sopa de malt (farinha de cevada grelada).

No primeiro caso foi Mery o iniciador, recorrendo áquelle regimen na gastro-entente aguda.

Caldo — A preparação do caldo de legumes com farinhas, é simples: a um litro de agua juntam-se 65 grammas de cenouras, 65 de batatas, 25 de nabos e 25 de ervilhas ou feijões seccos.

Ferve-se a mistura durante quatro horas e depois junta-se-lhe 5 grammas de chloreto de sodio, para evitar que a concentração do caldo não augmente o gosto do sal.

Com o liquido resultante, fazem-se caldos de crême de arroz (uma colher de café de crême de arroz para 100 centímetros cubicos de caldo) que substituem o leite.

Deita-se o caldo no «biberon» e emprega-se nas mesmas doses que o leite—isto é, todas as tres horas, variando a quantidade conforme a idade da creança. Em regra geral, a quantidade do caldo de legumes deve ser superior n'um quinto á porção de leite que a creança devia beber.

Mery, ao principio, só empregava o caldo em creanças com mais de seis mezes; contudo, tem sido dado, com o mesmo resultado, em creanças de tres semanas, e um mez.

Este regimen pôde durar, sem inconveniente, sete a dez dias.

A prova evidente dos beneficios colhidos, está no augmento rapido de peso, que segue ao emprego do caldo.

Sôro — Quanto á «babeurre»; ha alguns annos que os medicos se occupam da ali-

mentação das creanças por este processo, sendo a maioria unanime em reconhecer os beneficios que traz este modo de alimentação n'alguns estados morbidos da infancia, affirmando-se mesmo que se não conhece melhor alimento para as creanças dyspepticas, para as que tem o crescimento retardado (atrepsia, atrophia).

Algumas creanças que nada aproveitavam com o leite da ama, augmentaram de peso apenas começaram a tomar a «babeurre». Nas gastro-enterites agudas ou chronicas é efficaz este regimen, como o indicam as observações de Decherf.

Quando faltar a «bebeurre», pode empregar-se uma outra preparação, que parece corresponder ás mesmas indicações, e de que se faz bastante uso na Allemanha. E' a sopa de malt, alimento levemente alcalinizado, pobre em manteiga e em caseina; a materia gorda é n'elle substituida por uma substancia amylacea, transformada em parte em maltose.

Farinha — Para preparar um litro de sopa de malt, tomam-se 50 grammas de farinha, 100 grammas de malt, um terço de litro de

leite de vacca e dois terços de litro de agua, havendo o cuidado de só juntar o malt quando se puzer ao lume; faz-se ferver durante alguns minutos, agitando durante todo o tempo.

Para Keller, esta sopa só convém ás creanças com mais de quatro ou cinco mezes.

Sevestre modificou ultimamente esta fórmula, sendo n'esta nova preparação muito pequena a quantidade de malt. A um terço de litro de leite e dois terços de agua juntam-se 120 grammas de farinha e 25 de asucar; aquece-se durante dez minutos, produzindo-se uma massa que se deixa esfriar, e addicionando-se, quando a mistura está a 70.^o, uma colher de café de malt. Esta pequena quantidade é sufficiente para liquifazer toda a massa, permittindo a administração pelo biberon.

Terrier ainda não formou opinião pessoal a respeito do valor d'esta sopa de malt. No emtanto, insiste em que, tanto com esta preparação como com o caldo de legumes ou a babeurre, não se trata senão de regimens de excepção, unicamente applicaveis ás

creanças que progridem mal com o alleitamento exclusivo. Por conseguinte, logo que elle seja tolerado, deve-se voltar a elle, mas progressivamente.

Com effeito, não se deve transitar bruscamente de um para outro regimen; convém preparar uma espezia de alimentação mixta durante alguns dias. Intercalar por exemplo biberons de leite e biberons de babeurre, ou melhor ainda juntar um pouco de leite á babeurre na occasião de dar o biberon.

MORTALIDADE INFANTIL

Os anjinhos que vão para o céu, annualmente, são ás centenas, aos milhares. Só na capital, a mortalidade infantil é de cerca de 200 creanças por mil nascimentos.

Por esse paiz fóra é banal a pratica de verdadeiros infanticidios, — por desleixo e por ignorancia.

O desleixo deve ser punido como um attentado á vida da creança. A ignorancia, essa cabe ao Estado.

Entre outras, ás causas principaes da

mortalidade são a diarrhêa e gastro-enterite, e as doenças das vias respiratorias.

E' sabido que, logo aos primeiros mezes, muitas mães atulham o estomago dos filhos de comida, provocando-lhe uma enterite geralmente mortal. E' um infanticidio authentico.

Ha-as que adicionam ao leite aguar-dente, e lhes dão vinho!

O dr. Grojastsekin, medico do Hospital de creanças de Moscow, conseguiu apurar, d'um inquerito á vida escolar de S. Petersburgo, que a maioria d'alumnos e alumnas, de 8-13 e de 8-16 annos, bebiam bebidas alcoolicas.

O dr. Boyer, de Vienna, pediu aos professores uma divisão dos discipulos em: *bons*, *sufficientes* e *insufficientes*, observando a porção d'alcool que tinham por costume ingerir. Resultado: Os que bebiam agua eram quasi todos *bons*; os *insufficientes* iam augmentado á medida que o alcool ingerido augmentava.

DIARRHÊA OU GASTRO-ENTERITE

N'uma estatistica apresentada ao Con-

gresso de Medicina de Lisboa, o Prof. Sobral Cid aponta que, em todo o paiz, morrem, cada anno, com diarrhêa e gastro-enterite, 5:132 creanças.

Pelos dados estatísticos obtidos para a cidade do Porto, com os censos do periodo quinquenal de 1906-1900, vê-se que de 1:000 creanças, que nascem annualmente, morrem de 0-1 anno, 231,2, sendo 69,2 por gastro-enterite. (These de G. Cabral, Porto, 1906).

«Enterite, garrotilho e meningite formam um triumvirato satânico, que faz o pesadelo de todas as mães» — diz o dr. Corrêa Dias. Na sua elevação moral, altruista e humana, este amigo da Mulher grita-lhe que vá, com o filho ao collo, exigir do parlamento leis que lh'o protejam.

«Em instrucção primaria ensinam-se ás creanças muitas coisas, incluindo uma noções d'agricultura, escreve C. Dias. Entendem os grandes pedagogos que é mais util a uma creança saber como se obtem o mel, por exemplo; como se desenvolve o feijão para se tornar feijoeiro, do que como se alimenta uma creança e como esta se torna

homem. Entendem ser mais vantajoso a uma creança saber como D. João VI fugiu deante dos soldados de Napoleão, abalando vergonhosamente para o Brasil, do que aprender os meios de se precaver da tuberculose e de outras doenças contagiosas!»

A excessiva mortalidade provém da má orientação no alleitamento: da alimentação solida; do uso da ama mercenaria; da falta de lei reguladora do trabalho industrial das gravidas e das que amamentam; da falta de boas praticas hygienicas e da consulta divulgada; etc.

Mas a mortalidade não provém só d'ahi. A illegitimidade é factor flagrante. Ai se, como canta o Poeta das *Blasphemes*:

... on este fils du hasard qui lança
un spermatozoide aveugle dans l'ovaire!

A mãe precisa defrontar-se com o peso da deshonra, encargos de maternidade, gargarhar de cynicos, ludibrio do seductor, desprezo da familia e, que de vezes! com a fome e miseria.

A fome, o desamparo, a miseria levam ás espantosas cifras de Bertillon :

«Em 1:000 nascimentos, os filhos legitimos teem, na primeira semana, 35,12 probabilidades de morte, os illegitimos, 63; no primeiro mez, os legitimos tem 74,7 probabilidades de morte e os illigitimos, 176; no primeiro anno, os legitimos tem 175 probabilidades de morte, e os illegitimos, 337».

Por Deus! criem-se asylos maternos, refugios, maternidades, mutualidades maternas, escolas de mães!

Se a mortalidade infantil vae diminuindo na capital, é porque se vae desenvolvendo a acção de associações de protecção á primeira infancia, (a exercida pelo Lactario tem sido extraordinaria de benesses).

E' a classe operaria a que offerece maior obituario infantil. o que se explica pelas suas condições de vida. A pequenez do salario obriga-a a alimentação e habitação defeituosas. A mulher vê-se obrigada a trabalhar até o parto e logo após este. Assim, o producto resentir se-ha, e perigará com a alimentação e trabalho da mãe, com

o leite barato e adulterado, por isso que a operaria soccorre-se, em vista do trabalho, da alimentação mixta.

E' corrente observar-se, no prolectariado, creanças com o aparelho digestivo inutilisado, com os membros emmagrecidos, com o ventre inchado.

O resultado é este, segundo Bouchard: «Os individuos affectados, na infancia, de gastro-enterite, tornam-se aptos na idade adulta, para a receptividade de muitas doenças.»

CONSULTAS GRATUITAS

N'um projecto de lei de protecção á primeira infancia apresentado, cremos que por Barjona de Freitas, em tempos, á camara dos deputados, pretende-se organizar Consultas obrigando os municipios á sua instituição gratuita. As creanças, ficariam debaixo da inspecção do sub-delegado de saude, que seria obrigado a observal-as todos os 15 dias, durante os 6 primeiros mezes, de mez a mez durante os 6 seguintes, e de dois em dois mezes durante

o segundo anno, pesando-as no primeiro anno e dando conta das suas observações em boletins especiaes.

Os medicos, nas consultas e observações, dariam pequenas prelecções ás mães, obrigando-as a preoccuparem-se seriamente com os filhos, victimas do seu desleixo e ignorancia.

CRÉCHES

Recebem nos dias de trabalho e durante a sua duração, mediante uma leve retribuição, as creanças abaixo de dois annos, que não sejam doentes, pertencendo a mães que trabalhem fora.

Ultimamente, como diz o dr. Schwab (*Presse med.*, nov. 905), industriaes philanthropicos tem criado «crèches de fabricas», onde as mães, depositando os filhos durante as horas de trabalho, vão dar-lhes o peito, a certas horas.

Podem ser sustentadas por quotisações deduzidas ao salario dos interessados e por contribuição obrigatoria dos patrões.

E tanto ellas são mais imprescindiveis,

quanto é certo que as operarias trabalham até os ultimos dias da gestação, sem poderem, por não deverem prescindir dos seus reduzidos proventos, abandonar as suas occupações.

III

Infancia doente ou fraca

PLACARDS

Os drs. Gille, Carra e outros lembraram-se de distribuil-os com estas prescripções: «Cuidados de limpeza, banhos hygienicos de bocca, olhos, ouvidos e cabeça; considerações praticas ácerca do deitar, dormir, vestuario, alimentação, seio e biberon, desmamadella; conselhos sobre a vaccina...»

DISPENSARIOS

Dão consultas, sobretudo em affecções d'olhos, garganta, pelle e dentes. Alguns fornecem banhos e leite esterilizado.

HOSPITAES PRIVADOS

N'elles podem hospitalisar-se creanças, portadoras d'affecções medicas ou chirurgicas, e onde as familias podem ir á consulta.

OBRAS ANTI-TUBERCULOSAS

Preventivas — Affastam os pequenitos ainda sãos do meio contaminado ou contagioso; ou então beneficiam os das cidades com *curas d'ar* vivificantes que os fortalecem.

Curadôras — Apoderam-se da creança suspeita de bacillose o mais cêdo possivel para a submeter á cura d'ar sob regimen sanatorial.

SANATORIOS MARITIMOS

Aproveitam ao rachitismo, lymphatismo e anemia, tumor branco, abcesso frio, lupus, mal de Pott, etc.

CASAS DE CURA

Servem para combater rachitismo, adonopathias não suppuradas, convalescentes d'affecções agudas ou chronicas, n'uma palavra, convém ás creanças em estado de receptividade, deprimidas ou atrophiadas, pretuberculosas.

COLONIAS ESCOLARES MARITIMAS

São de grande alcance para as creanças fracas, cujas aproveitam com o ar do mar ou do campo.

Alguns collegios do Porto usam-nas.

O inspector da 3.^a circumscripção escolar, dr. João Figueirinhas, muito tem conseguido a tal respeito, auxiliado pela Philantropia.

Tambem as juntas de parochia da capital, em numero de 29, tinham levado, em fins de Agosto, a bom exito a sua iniciativa de ministrar banhos de mar ás creanças pobres, que os necessitassem.

Instigar o exodo rural das creanças predispostas ou portaõoras de tuberculose la-

tente, fundando escolas permanentes no campo, ou á beira-mar, é de grandes effeitos praticos.

ESCOLAS DE CONVALESCENÇA OU SAÚDE

Em 1906, M. Felix Marot propoz, no parlamente francez, a criação de escolas especiaes no campo para os debeis e definhados. Chamara-lhe a attenção uma comunicação feita pelo Prof. Grancher á Academia de medicina, em que assignalava a frequencia da tuberculose nas escolas de Paris:—reclamava, pois, a titulo d'experiencia, o fundação d'Escolas ruraes de convalescença para a infancia citadina.

Se fosse possivel diagnosticar precocemente a bacillose. . . Ha quem quebre lanças, para a prevenir, pela super-alimentação por meio de Cantinas e Maternidades escolares.

ESCOLAS DE FLORESTAS

N'esse mesmo anno, a Municipalidade de Berlim edificava uma escola no meio da

floresta para os anemicos das escolas elementares.

Os alumnos dormem em casa: vão de manhã, voltando de tarde. A philantropia fornece-lhes gratuitamente o jantar. O ensino dura duas horas e meia, fóra a gymnastica e o canto. As licções de História natural dão-se em plena natureza. Um grande hall abriga as creanças quando chove; e ha uma casa de banhos.

Sob a influencia vivificante do ar da floresta, da limpeza, dos movimentos corporaes, o appetite apparece, a alimentação torna-se mais abundante, voltam as forças.

«Eis, diz Marrillier, uma criação a adoptar-se em todas as cidades onde as circumstancias o permittam. Ao pão do espirito a sociedade accrescentará assim, como dom ás creanças, a saude, o primeiro dos bens. E é possível que, com um horario diminuto, os resultados intellectuaes não sejam menores, porque o esforço cerebral poderá ser mais intenso».

Ao conselho municipal de Paris propoz Delobel a criação de *Escolas de bom ar*, em favor dos pequenos parisienses. A muni-

cipalidade da capital pensou já algo a tal respeito.

JARDINS DA INFANCIA

Corresponde ao *Ensinar, brincando*, de Castilho.

O medico Guilherme Ennes escreve: «*Os jardins da infancia, methodo Froebel, representam no nosso modesto juizo, e á luz das forças de hygiene, um trabalho e um thesouro da mais fina concepção e penetração intellectuaes*».

Do professor Baudouin (ácerca do ensino da Belgica):

«A creança é uma planta humana que necessita, primeiro que tudo, de ar, de sol e de movimento para crescer, desenvolver-se e desabrochar. O methodo Froebe, satisfaz a estas condições, porque favorecel harmonicamente, o desenvolvimento das faculdades physicas, moraes e intellectuaes das creanças:

«As physicas, pela gymnastica, as moraes, pelo dialogo com os mestres, durante os entretenimentos manuaes, e as intelle-

ctuaes, fixando-lhes a attenção pela occupação das mãos; moralisando-lhes o espirito pelo tacto com a natureza; instruindo-as pela licção das coisas e pelo jogo dos contrastes».

ESCOLAS

«A escola, como a manifestação mais significativa do estado culto de um povo, escreve Guilherme Ennes, deve, nas suas installações de toda a ordem, e para a prevenção e combate das doenças infecciosas, obedecer aos mais rigorosos principios e regras de hygiene».

O professor primario deve saber hygiene sufficiente para proteger a saude dos alumnos, e conduzir-lhes o trabalho intellectual. Ha opiniões que querem que o seu ensino seja obrigatorio, o que nos parece tarefa difficil, e de resultados nullos para a creança.

Sabido é o que são as nossas escolas de provincia. Aluga-se uma casa por meia duzia de mil réis, e prompto.

O que devia ter-se em vista:

Edifical-as em terreno secco, elevado, abrigadas dos ventos humidos e frios, fóra de visinhanças insalubres e incommodas. Dar-lhes as precisas *orientação* (sudeste-noroeste), *capacidade* (5 m. cubicos por alumno) e *cubagem d'ar* (25-30 m. cubicos por hora e alumno). Usar soalhos de madeira secca, taboas macheadas e bem unidas, impermeabilisadas, de modo a facilitar a limpeza. Munil-as de latrinas, *systema syphão* com Water-closet, mictorios bem providos d'agua, de paredes impermeaveis, escarradeiras, lavatorios, toalhas; de mobiliario capaz, limpadores do calçado, em ferro, á entrada, etc.

A salubridade manter-se-ia: — deixar entrar francamente o ar e a luz depois de desocupadas; limpál-as todos os dias, findas as aulas, com pannos molhados; lavar, nas ferias, as paredes e, nas grandes, pintal-as de novo. Cá, ha desinfecção annual, nas ferias grandes (Reg. do ensino primario, set. de 1902). No resto, uma tristeza de porcaria! No geral, os magros tostões para o expediente, recebem-se tarde e a más ho-

ras, quando se recebem. (Bem faziam dois professores, homem e esposa, dos meus sitios, que enchiam a escola com as colheitas).

Devia haver inspecção medica permanente, cadernêta sanitaria individual; jogos ao ar livre, trabalhos manuaes. . .

Na Suissa comprehende-se que a creança desperte com o sentido na escola, risonha, e para ella avance, alegre, de cabellos loiros soltos ao vento.

Cá, choram em casa, choram no caminho, choram na escola! Se a escola é o que se vê. . .

GYMNASTICA

O homem prehistorico curava as suas doencas com alguns meios tirados da hygiene do seu tempo, entre os quaes figuravam o movimento e o exercicio. Ainda hoje, povos primitivos, taes os australianos, se entregam a dansas, inspiradas para a caça e para a guerra, na opinião de Ch. Letourneau.

Quasi tres mil annos antes da era chris-

tã, sob o reinado de Hoang-Ti, apparece o livro *Cong-Fu* onde se encontram expostos principios de gymnastica medica. N'elle lê-se esta maxima: «Aperfeiçoa-te, renova-te por completo cada dia, torna-te novo e sempre novo».

O auctor insiste largamente sobre a gymnastica respiratoria. As tres maneiras que apresentava de respirar, — pela bocca, pelo nariz, inspiração pelo nariz e expiração pela bocca—, são hoje, passados mais de quatro mil annos, regras fundamentaes.

Ao *periodo chinez*, segue-se o *indio*, com as suas dansas guerreiras; a este, o *grego*, que visava este fim: «Collocar o espirito d'um sabio no corpo de um athleta». (Na epoca actual dá-se o contrario, segundo o grande osteologista José Antonio Serrano: «Encontram-se cabeças de gigante em corpos de alforreca»).

Ao *periodo grego* seguem-se, por ordem, o *romano*, o da *Renascença* e o *actual*.

Nos meiados do seculo passado, a gymnastica torna-se escolar, em quasi toda a Europa. Criaram-se varias escolas: a *suissa*, de Ling, a mais seguida ainda hoje;

a *allemã*, de Jang; a *franceza*, de Clias e Amores.

Em 1848, foi introduzida nos hospitaes francezes por Napoleão Laisné a gymnastica e a massagem.

Auctoridades medicas (Charcot, Bilroltt, Esmarek. . .) reconheceram logo a sua effi-
cacia.

Entre nós, datam de 1884 as primeiras tentativas do emprego da massagem nos hospitaes, sob a direcção do Prof. Oliveira Feijão. No de Santo Antonio, do Porto, começou a sua applicação com exito, este anno, sob a direcção do dr. Alberto Ribeiro.

Mas. . . nós queriamos referir-nos á gymnastica escolar, e perdemo-nos!

Nos lyceus e collegios, adopta-se francamente; e n'uma ou n'outra escola primaria.

O DESPERTAR DA SEXUALIDADE

Deve-se exercer a maxima vigilancia sobre o desenvolvimento physico e psychico

da creança, e poupar ao seu systema nervoso toda a occasião de *surmenage*.

Nas escolas primarias sobrecarrega-se-lhe o cerebro com regras grammaticaes e com banditismo e assassinatos historicos; nos collegios, deixa-se com companheiros perigosos, permite-se-lhe o isolamento, não se repara se tem oxyuros, dá-se-lhe comidas excitantes; em casa, deixa-se assistir a conversas obscenas, ás vezes a scenas do Nú, deitar em cama fôfa, etc.

Abandonar a Puericia aos perigos da masturbação, é sugeital-a a perturbações mentaes, sobretudo nos que nascem com capital vital insufficiente.

J. Christian estudou magistralmente a *hebephrenia* (demencia precoce) em hereditarios que foram normaes antes de praticarem o onanismo.

Seria curiosa a lista, bem extensa, parecidos, dos que, nos collegios, com olhos em santas, os melindraram para sempre, com o masturbarem-se!

IV

Creanças anormaes

As creanças de intelligencia fraca ou de senso moral avariado são os loucos e os criminosos de amanhã. As mais das vezes são productos de hereditariedade morbida: — decadencias mentaes de paes e avós, as suas devassidões e intemperanças, as suas preversões moraes, as suas contorsões epilepticas...

Entre nós, as creanças que assim nascem, mas ainda capazes de experimentar melhoras, são deixadas ao abandono, quando os maus tratos as não conduzem mais depressa á completa irresponsabilidade.

A creança degenerada encontra-se habitualmente n'um meio mais ou menos degenerado. Na desmoralisação, no vicio, na ignorancia, ella segue instinctivamente o

mau caminho. Arrancal-a o mais cedo possível ao meio nocivo, é o que ha a fazer ; ou é querel-a amanhã, egoista e cruel, capaz de todos os crimes, exigindo-lhe então contas que não deve.

Mettel-a em casas de correcção ? Não estalaria logo a desordem, a indisciplina, o perigo para os co-detidos ?

Hospitalisal-a, é o melhor processo, até á sua cura, sugeitando-a a tratamento medico moral, ensinando-lhe o respeito pelo semelhante, os seus deveres ; habilitando-a com qualquer profissão ; preservarando-a, dia e noite, de todo a contacto prejudicial.

A hospitalisação livrará muitos dos anormaes da casa de correcção, de prisões, de crimes.

TRATAMENTO MEDICO-PEDAGOGICO

Tem por fim transformar o idiota em homem util, para si e para os outros.

As ideias de Séguin vão fructificando por toda a parte.

A sua educação dá-se em tres escolas :

A) *pequena escola*, cujos meios empregados

são: o *tratamento do gatismo, educação da marcha, exercicios do salto, da subida e descida das escadas, exercicios de toilette, d'aprehensão, educação dos sentidos, lições de coisas, etc.* B) a *pequena escola complementar*, que completa a primeira, abrindo sensivelmente a intelligencia e depondo n'ella algumas noções de moral; C) a *grande escola*, onde as creanças fazem exames, aprendem gymnastica, canto, musica, etc.

Com este tratamento obtem-se, na maioria dos casos, brilhantes resultados: «... a este respeito, escreve Pornain, não ha duvidas no espirito dos medicos da Inglaterra, Estados-Unidos, Paizes-Escandinavos, Alemanha, etc.,».

ASSISTENCIA

A assistencia das creanças idiotas, imbecis, cretinas e epilepticas está incompletamente assegurada lá fóra. Entre nós, nem se fala.

O dr. Pornain (1900) assegura que um grande numero de crimes e de delictos de-

vem ser attribuidos a esses enfermos cerebraes deixados em liberdade, e não vigiados nas familias, e não modificados por uma educação que pode dar, bem applicada, bons resultados.

Seja miseria, ou inconsciencia, ou cumplicidade, os paes nada se preoccupam com os seus debeis intellectuaes, e assim os seres tarados podem chegar sem vigilancia até a uma idade em que attraem a attenção dos poderes publicos por um crime ou por um delicto grave...

«A assistencia, escreve Pornain, dos idiotas, imbecis, cretinos, epilepticos, deve ser obrigatoria. Póde realizar-se segundo os casos por varios modos :

— A sua collocação familiar directa (com soccorro individual em dinheiro, se é possível, syndicancia, vigilancia, inspecção);

— Collocação familiar indirecta (colonias familiaes proximas, vigiadas como asylos);

— Hospitalisação obrigatoria, em asylo especial, ou n'uma parte especial de asylo d'alienados, quando a collocação familiar não é possível».

Entre nós nada ha a este respeito.

SURDOS-MUDOS

A Espanha foi a primeira que fundou institutos de surdos-mudos, devido á iniciativa de Pierre de Pouce, beneditino do Mosteiro de Orão (1854).

Em Portugal, o seu creador foi Rodrigues Pereira, que juntou aos processos de ensino conhecidos no seu tempo um alfabeto manual, cuja idéa recolhêra em Espanha.

No Porto ha, a cargo da Misericordia, o Instituto Araujo Pereira.

Assistencia moral e material da creança

A creança que pérca os paes, ou um sómente; ou que seja abandonada por elles, deve ser recolhida,—saudavel, enferma ou doente. Na primeira infancia, trata-se de a criar; mais tarde de guiar a sua orientação para uma profissão em relação com as suas aptidões phisicas e intellectuaes, e de subtrail-a tanto quanto possivel á exploração dos padrões indignos.

PATRONATOS, ASYLOS, ETC.

Occupam-se de creanças privadas, por qualquer razão, da influencia paterna, sem que sejam orphãos.

Occupam-se tambem de proteger a in-

fancia contra as tentações, e de amparar os que enfraqueceram ou caíram.

Criando Atelier—Escolas, que protegem as raparigas da classe operaria contra os perigos que a cercam durante a sua aprendizagem, dando-lhes noções sobre menage, costura, etc.; Casas-Maternas que previnem o estiolamento da creança, e ás vezes o seu abandono; Casas sob varios nomes, que exercem acção repressiva sobre raparigas manifestando más inclinações ou vivendo em meios perniciosos, á falta de tutela e de protecção maternal;—Paris, como Cerebro do mundo, tenta por todas as fórmas fazer das creanças miseraveis, abandonadas e infelizes, honestos chefes de familia e dedicados cidadãos.

Em Portugal ha muitos asylos de Infancia desvalida, para ambos os sexos e algumas casas pias.

CASA-HOSPICIO DO PORTO

O seu director, José de Magalhães, no relatorio de 1908, menciona a admissão de 135 creanças, sendo 94 de menos d'um anno

d'idade. O numero de expostos ou abandonados, foi de 4, n'esse anno; isto é, anota que tem descrecido d'anno para anno.

Sobre a assistencia á infancia no Porto, relata notas curiosas. Transcrevemos da «Gazeta dos Hospitaes do Porto» (n.º 17, de 1 de setembro ultimo):

«O snr. Jesé de Magalhães insere no seu relatório notas muito curiosas ácerca da historia da assistencia á infancia no Porto.

Em 1519 ficou a Camara encarregada da criação dos expostos, e em julho de 1689 abria a Roda do Porto, administrada pela Misericordia e custeada pela Camara com o subsidio annual de 500\$000 réis.

O numero de expostos foi crescendo espantosamente, até ser de 1.183 no anno de 1800 e de 1.853 no anno de 1817! As despesas com a roda do Porto chegaram a ser superiores a 60 contos annuaes.

Eram grandes os abusos que se commettiam com a exposição de creanças. O abandono não era apenas um triste recurso para evitar a miseria ou esconder uma falta. Havia recoveiras que traziam clandestinamente, de outras rodas, creanças para expôr no Porto e sobrecaregar a d'esta cidade. As creanças vinham acamadas em canastras, ás seis e mais, por vezes de muito longe, sem alimentos e sem os menores cuidados.

Havia parteiras que recebiam as puerperas envergonhadas em sua casa, encarregando-se depois de expôr o recém-nascido.

A Roda não pôde resistir a tanta immoralidade. Fechou em 1864, alargando-se ao mesmo tempo a concessão de subsidios de lactação. Immediatamente, o número de expostos, que foi n'esse anno de 1.041, baixou para 157 em 1865! Comtudo não cresceu o numero de abortos e de infanticidios.

As exposições foram sucessivamente decrescendo em numero até attingir, em 1908, a pequena cifra de 4; ao mesmo tempo a despeza com a roda, transformada depois em Casa-Hospicio, decresceu successivamente de cerca de 34 contos (1864) até cerca de 8 contos (1908).

A mortalidade infantil, comquanto ainda seja pavorosa entre nós, diminuiu muito com essa transformação. Na Roda de Coimbra a lethalidade das creanças entradas seria de 90 % e na do Porto houve annos de morrerem mais de mil creanças!»

O Porto é, talvez, a terra de Portugal onde a Caridade brilha mais intensivamente e com modestia. Ha Asylos Profissionais e Ordens de varios santos que prestam aos filhos dos seus «Irmãos» educação e amparo na medida das suas forças; ha Asylos de meninas e meninos Desamparados, o Asylo de S. João, e a Real Associação Protecfora da Infancia, etc.

MENORES DELINQUENTES

Ainda ha pouco lemos no «Primeiro de Janeiro», (Carta de Lisboa): «No Limoeiro estão actualmente 84 rapazes menores, cuja idade varia entre os 8 e os 12 annos; e no Aljube é tambem grande o numero de menores detidos.»

Em 1897, fôram condemnados em Portugal 1:344 individuos por crimes praticados antes dos 18 annos. (Egas Moniz).

Ha uma ou outra casa de correcção. O que é difficil, é a entrada.

O menor, para o conseguir, precisa arranjar cadastro, cair na alçada do art. 256 do Codigo Penal.

Não ha muito que um diario do Porto contou o caso mirabolante de alguem da policia prender repetidas vezes ama creança a pedido da propria mãe, afim de conseguir mettê-la na Correcção!

Em fins do ultimo Agosto, um deputado lembrou que se constituissem tribunaes para menores á semelhança dos que ha lá fóra.

Segundo proposta de lei ultima, do Mi-

nistro da justiça, a pena de prisão aos menores delinquentes será cumprida em casas de Correção e Colonias agricolas correccionaes, onde, divididos em familia, receberão educação moral, litteraria e profissional.

A Extremadura será servida pela actual de Caxias; o Porto (independentemente da de Villa do Conde) terá uma; no Alemtejo continuará a Colonia Agricola Correccional de Villa Fernando; nas mais provincias haverá colonias Agricolas Correccionaes.

A de Caxias, ampliada, comportará 500 internados, a de Villa do Conde, 100, a do Porto, 400.

A mesma proposta cria Comissões de protecção em cada comarca, para as casas de Correção e para os que, recuperando a liberdade, podem ser rehabilitados, alcançar meios honestos de subsistencia e, em caso de doença ou falta de trabalho, receber auxilio.

O Ministro Medeiros, abrindo os braços carinhosamente ao menor delinquente abraça o Futuro, que fructificará rico e bom, em proveito do Paiz e da Humanidade.

Anatole France, escreveu que «Uma vez vi dois juizes integros. Foi em pintura.»

Um, foi Magnaud, que, n'uma das suas sentenças escreveu: «Considerando que a sociedade, cujo primeiro dever é auxiliar os seus membros realmente desgraçados, está particularmente fóra do direito de requerer contra um d'elles a applicação de uma lei dictada por ella propria e que ella propria torna de impossivel execução, porque se não conforma ao disposto: Considerando que, o que se não póde evitar, se não deve castigar....»

O outro não sabia que existia. E' o juiz Medeiros!

E terminando, copiamos das *Prosas* do Grande Camillo :

«Mais procedem os crimes da doença que da culpabilidade positiva. A sociedade que persegue um crime dura e inexoravelmente andaria melhor se pozesse a mão na consciencia e cuidasse de averiguar por quaes circumstancias e culpas é causadora do crime contra ella perpetrado.» (*Th. Brukle*).

«A sociedade prepara o crime, e o criminoso é apenas o instrumento que executa». (Quetelet).

«Portanto, a justiça que o condena é um abuso escandaloso em que medram os bachareis e os mais officios correlativos, que tem as cadeias, problematicamente confortáveis, repletas de victimas do feitio da sua propria massa encephalica, da sua medula espinhal, dos seus centros hemisfericos e rachidianos, e do seu figado derrancado.»

PROPOSIÇÕES

Anatomia descriptiva — E' capital o estudo de certas glandulas.

Histologia — Os hydratos de carbono preferem o figado e os musculos.

Physiologia — A pelle sente, segrega, excreta, absorve e respira.

Pathologia geral — A luz é boa e má.

Anatomia topographica — O craneo é elastico.

Pathologia externa — O methodo de Bier impõe-se em varios casos.

Materia medica — Aos fermentos metallicos destina-se um largo futuro.

Anatomia pathologica — Os derrames são d'origem inflammatoria.

Pathologia interna — Em face d'uma chlorose

deve pensar-se no brightismo, sobretudo no ponto de vista da gravidez e estado pruerperal.

Hygiene — Os templos são nocivos.

Operações — Na operação do trepano é essencial o conhecimento das relações do cerebro com a parede craneana.

Medicina legal — O infanticidio é, em certos casos, perdoavel.

Partos — A supressão da menstruação não é signal de gravidez.

Visto.

Póde imprimir-se.

O PRESIDENTE,

Dias d'Almeida.

O DIRECTOR,

A. Brandão.